



C. M. B.
BIBLIOTECA

Director honorário: Mário Campos Henriques

Director e Administrador: António Baptista

Redactor: Joaquim Rodrigues

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Redacção e Administração: Tipografia «Vitória»

Composto e impresso: Tipografia «Vitória» — Barcelos

Propriedade do: Clube Desportivo da «TEBE»

C. M. B.
Biblioteca

A nossa herança

POUCAS nações podem mostrar a herança de glórias marciais que oferece o nosso idolatrado Portugal, antes da sua unidade, na unidade, no império e ainda depois da sua decadência. Terra preclara de infanções heróicas, as suas legiões vitoriosas percorreram, através dos séculos, caminhos imperiais, pisando campos da Europa e, por último, a África, a Ásia e a imensidade das Américas, de um cabo a outro do mundo conhecido.

Para o português, a vida foi milícia constante. A juventude portuguesa, educada no sacrifício, na fadiga e no ardor do combate, soube em todo o momento armar o braço, trocando o aço do arado pelo aço da espada. Gigantes do valor e da vontade. Missionários da Cruz e da Civilização. Sempre incansáveis, sem insuperáveis, tiveram o prémio imarcescível de cem vitórias.

Para que não se esqueçam tais lições de firmeza, tenacidade e resistência, bem andou o Governo da Nação em promover as Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique. Que melhor exemplo para o Portugal novo que se está forjando, garantido por um afã e uma afirmação conjuntas: a de constituir um grande povo, de ciclópica estirpe, que se acha disposto a assumir, como nos tempos dourados, o seu direito à grandeza universal?

Espelho de patriotas. Farol de progresso. Facho que alumia o caminho da Raça. Isto aspira a ser este movimento de gratidão nacional, breviário da melhor ténpera e memorial de linhagens desbordantes.

Aquela primeira metade do século XV é a demonstração da realidade do nosso espírito, a certeza da nossa capacidade civilizadora.

Aquela Grande Aventura, toda ela coragem, dedicação, heroísmo e esforço, é a afirmação inequívoca da nossa imortalidade, da nossa perenidade.

Por todo um ano, passarão por nós momentos extraordinários, verdadeiras figuras de lenda. Passará a alma da Raça, a própria Pátria.

E dentro de nós? Um sentimento de gratidão pela glória de sermos portugueses. E o nosso espírito aberto à saudade. Saudade de um passado distante que não vivemos, mas que herdamos. Saudade tão saborosa que nos sentimos rejuvenescer e irmanar com aqueles que acalentaram cânticos na alma e trouxeram sempre o coração cheio de esperanças.

E em nosso peito um sonho lindo e salvador: que a nossa Pátria seja o que já foi, que a sua elevadíssima missão passada seja a sua elevadíssima missão dos nossos dias.

Praza a Deus que saibamos responder sempre na voz e na figura daqueles que nos precederam.

Páscoa de 1960

Eduardo Regado

Bibliotecas Itinerantes

Uma força a iluminar as inteligências

Há artigos que, pela simplicidade e pureza de ideias que encerram bem merecem ser lidos, divulgados e compreendidos para bem da cultura, para revigoração da inteligência, para bem do povo, que o mesmo é dizer para bem da Nação.

O artigo que abaixo transcrevemos, escrito pela pena brilhantíssima de A. Vieira Santos e inserto na «Gazeta Musical e de todas as artes» é, sem favor, um farol a iluminar tantas criaturas que, por teimosia, maldade ou ignorância ainda continuam, a querer entenebreecer a amedrontar a gente simples e boa — nossos irmãos por Cristo — que só na leitura podem encontrar a sua própria libertação a bem da Justiça, a bem da Verdade, a bem do Progresso e da Cultura.

«**A**S Bibliotecas Itinerantes, postas em circulação no decurso dos últimos meses pela Fundação Gulbenkian, assinalam uma das actividades culturais mais sérias e de mais largas perspectivas futuras, das que estão sendo exercidas actualmente em Portugal pela benemérita organização. No entanto,

Muro Intransponível

Capitão da aventura do Invisível
Que de mim fez audaz aventureiro
Fui naufrago perdido e fui pioneiro
Do meu naufrágio, este naufrágio incrível.

Lutando contra o mar, foi impossível
Minha aventura, feita cativo
Do grande sonho que joguei, inteiro,
Ao meu destino de Homem desprezível.

Jogado na roleta do casino
—Sortes do Mundo!— a febre dilatou
O grande Império Azul do meu Destino.

Porém, ali estático ficou
Meu desejo e aventura de menino
Que frente ao mar, em sedes naufragou.

Lisboa

ARTUR TOJAL

Nuno Álvares Pereira

Por MARIA LÚCIA

AINDA Portugal inteiro ergue os braços em louvor do Infante D. Henrique e já, nas catedrais, igrejas e capelinhas, repicam, festivamente os sinos, recordando o nascimento de outro dos mais ilustres filhos da Terra Lusa—Nuno Álvares Pereira.

Herói e Santo, a Pátria não podia esquecê-lo na sua humilde campa rasa da capela do Carmo e, aí, foi, religiosamente com amor e devoção,

venerá-lo numa manifestação de fé e patriotismo.

Passam os séculos e sucedem-se as gerações com novos ideais de vida, mas há valores espirituais que são os elos fortes a unir e fortalecer as consciências dum aglomerado nacional, sem os quais as Pátrias se afundariam ante as terríveis convulsões sociais e políticas que, pelos tempos fora, têm surgido devastadoras.

Se os homens vivem sem um

pouco ou nada se tem dito ou escrito a respeito do assunto, talvez porque se trata de uma actividade pouco espectacular, imprópria para chamar a atenção do público, sobretudo de um público determinado, especialmente exultante com as realizações de grande efeito nas quais tem participado a Fundação, mas menos atento às que, como esta, representam uma notável obra, cujos resultados tanto podem contribuir para a elevação do nível cultural do povo português.

A ideia de facilitar a leitura por meio de bibliotecas itinerantes não é original da Fundação, sem dúvida, mas foi ela — graças aos seus avultadíssimos rendimentos — que tornou possível a sua efectivação em larga escala no nosso País e recorrendo, para o efeito, à experiência do homem que entre nós já a tinha posto em prática, com resultados surpreendentes, Branquinho da Fonseca, Director do Palácio-Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães, em Cascais, zona onde circulava há anos, por sua iniciativa, uma Biblioteca Itinerante para uso da população do concelho.

Em Junho de 1958, inaugurou-se em Alenquer a 1.ª Biblioteca Itinerante instituída pela Fundação. Em 31 de Dezembro já circulavam 15, servindo uma área habitada por 1.250.000 pessoas e dispondo de 72.000 volumes, ou seja, uma média de 93 volumes por mil habitantes da área servida por cada uma. Na mesma data estavam inscritos 34.000 leitores, cuja actividade se manifestou por algumas dezenas de milhares de requisições de livros. Cada biblioteca mobiliza cerca de 5.000 volumes, mantendo um fundo permanente de 3.000. O interesse despertado pela iniciativa tem ultrapassado as melhores expectativas, havendo localidades onde é elevadíssimo o número de leitores, como, por exemplo, Santiago de Cacém, onde já se contam 6.000. A literatura infantil é o género mais procurado.

A ficção também atrai inúmeros leitores. Os livros de carácter profissional, sobretudo manuais técnicos, são insistentemente requisitados, facto revelador do de-

sejo de aperfeiçoamento de conhecimentos técnicos fomentadores de melhores condições de vida. O mesmo acontece com os livros de história, outro indício do desejo de melhoria da cultura geral. Os livros de Poesia, embora em menor escala, vão saindo das estantes com frequência crescente.

A inscrição para leitor é reduzida a um mínimo de formalidades burocráticas, de maneira a torná-la acessível ao maior número possível de pessoas. Os resultados têm sido extraordinariamente animadores e só demonstram que a educação cívica do povo português não é tão baixa como se pode deduzir das afirmações de alguns críticos precipitados. Assim, dos muitos milhares de livros emprestados para leitura, raríssimos se têm perdido ou têm regressado em mau estado de conservação. Os leitores, recrutados nos mais variados meios, consideram como « ponto de honra », não só a restituição dos livros que lhes foram confiados, como a sua entrega em perfeito estado de conservação. E quando não os podem entregar dentro do prazo estabelecido, procuram sempre fundamentar em motivos bem justificados a falta de cumprimento dos compromissos assumidos.

Esta apaixonante experiência de alguns meses já dá margem para que se chegue à seguinte conclusão: existe nas nossas províncias um real interesse pela leitura, em muitos casos, até, uma verdadeira « fome de leitura », cuja satisfação é incomportável com o baixo nível económico da maioria da sua população. É errado e precipitado supor que só as competições desportivas — em especial, a « bola » — constituem a única preocupação dos núcleos populacionais da província, embora tudo pareça favorecer tal suposição. Torna-se indispensável, portanto, alargar esta notável obra a todo o País, pois seria injusto que só uma parte da sua população dela beneficiasse ficando a outra desprovida de uma assistência cultural a que, na verdade, também tem direito.

A. Vieira Santos

TEBE



UM NOME GRANDE

na indústria de malhas



Ideal forte, a nortejar os seus passos, vagueiam, indecisos e desirmanados, deixando a pátria ao sabor das correntes que a podem destruir ou deixá-la vogar, sem rumo, de leme quebrado e velas desfeitas pelas tempestades.....

...Corria o ano de 1360 e Portugal, nas mãos indecisas dum monarca inteligente mas sem grande visão política, vivia horas incertas. Ora o rei tomava atitudes enérgicas e acertadas ora, levianamente, comprometia a segurança da Pátria Portuguesa. Agonizavam em toda a Europa velhas instituições da Idade-Média com o despertar duma burguesia forte e ambiciosa, que desejava impor direitos e reivindicar regalias.

O sentimento de patriotismo, a compreensão da unidade nacional vinha-se consolidando e tomando vulto nos homens que com o seu heroísmo e trabalho tinham levantado e criado uma Pátria.

Das ruínas dos castelos desmantelados do infiel, ergueram-se povoações aconchegadinhas à sombra dos muros protectores dos mosteiros e conventos. Uma população laboriosa revolvía a terra e alongava a vista pelo mar, agitando-se num pressentimento vago dum destino de glória e grandeza.

Nos castelos e solares herdados dos conquistadores destemidos e ricos homens dum feudalismo que se esboroava, os jovens escutavam ainda àvidamente, as façanhas de cavaleiros ilustres, acalentando na alma o sonho de continuarem e repetirem tão nobres feitos servindo com entusiasmo as mesmas causas justas e belas.

Foi neste ambiente de incertezas pelo futuro e de tradições empolgantes que nasceu Nuno Álvares Pereira.

Como todos os filhos das melhores famílias desse tempo, bem novo começou a sua educação de cavaleiro. Para atingir essa honra de ingressar na Ordem da Cavalaria exigiam-lhe uma aprendizagem demorada e perfeita. A par das qualidades físicas necessárias havia uma educação rigorosa espiritual e moral além de alguns rudimentares conhecimentos literários.

Ser cavaleiro não era um direito com que se nascia mas uma dignidade que se conquistava após anos de preparação.

Nuno Álvares Pereira tinha apenas treze anos quando o consideraram à altura de cingir a sua espada. Não era certamente um ser vulgar que, nessa idade, assumia, competente, tão pesadas responsabilidades. A sua alma afeiçoara-a pelos modelos ideais dos homens da Távola Redonda, cavaleiros da corte do rei Artur. Balouçava-se num idealismo puro de defender a Santa Religião, de socorrer os orfãos, as viúvas ou todo aquele que injustamente fosse perseguido. Desembainharia a sua espada por Deus, pela Justiça e pela Honra.

Mas eis que a Pátria é agitada num sobressalto. Desce ao túmulo ainda novo, o pobre rei D. Fernando, e cobre-se de luto os corações dos bons portugueses, ante a ameaça terrível da perda da Independência.

Ficava o reino sem sucessor, à mercê da ambição do rei de Castela, que pelo seu casamento com D. Beatriz adquirira o direito de se intrometer na vida interna de Portugal. O seu desejo era porém o domínio completo sobre este povo de homens destemidos. Integrá-lo no poderoso reino que governava formando apenas uma grande pátria parecia-lhe legítimo e natural numa época em que bem pouco defendidas eram ainda as nacionalidades e os reinos se retalhavam conforme as conveniências ou as ambições das famílias reinantes.

Mas se ainda era um pouco vaga e confusa, em muitos senhores de terras e castelos, a consciência duma nacionalidade com tradições e aspirações diversas da vizinha Castela, alguém houve, em Portugal, que os fez despertar dessa indecisão...

Nuno Álvares, um rapaz quase, desembainha a sua espada, sublima em ardor patriótico o seu ideal de cavaleiro medievo, e levanta todo o reino em pé de guerra, contra o ambicioso monarca de Castela.

Nada valerão os seus disciplinados e adestrados homens de lança e cavaleiros, contra a muralha inexpugnável da fé, da coragem, e do patriotismo de Nuno Álvares Pereira. Riem desdenhosamente os castelhanos da pequena hoste lusitana sem um general experimentado a comandá-la.

(Continua na página 9)



Para um Portugal maior

TORNAR Portugal maior, procurar engrandecer a Nação, era o lema dos heróicos portugueses que viveram na época dos Descobrimentos.

Foi um dos maiores portugueses de todos os tempos, o intrépido e inesquecível Infante D. Henrique, cognominado de o «Navegador», que iniciou o imenso e reflectido sonho dos Descobrimentos.

Era filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, homem de rija ténpera como poucos, que levou a cabo a maior epopeia de todos os tempos.

A navegação, impulsionada por este homem, valorizou grandemente o nosso País. Iniciada após a expedição que nos deu a conquista de Ceuta em 1415, tornar-se-ia a semente para uma escola de profícua e excepcional aprendizagem náutica que era uma autêntica universidade para navegadores.

Imaginámo-lo em Sagres, — que foi de onde os navegadores de D. Henrique partiam a descobrir mundo, hoje um mundo português de além-mar —, de pé, com a mão na testa, em forma de pala, contemplando o vasto horizonte que as suas caravelas haviam de vencer.

Jámais o poderemos esquecer!...

Amemos e veneremos sempre aquele que, procurando realizar o seu ingente ideal para além-mar, engrandeceu a sua querida Pátria portuguesa e deu «Novos Mundos ao Mundo», no dizer imortal do cantor da nossa Raça.

João Boaventura Simões Negrão

1.º Ano — 1.ª Turma F. Serralheiro
Barcelos, 10-3-60.

O Carácter Internacional das Comemorações Henriquinas

OS «Altos Infantes», geração nobre de nobres pais, deram origem a páginas imortais escritas a ouro, factos heróicos que correram mundo colhendo louros para Portugal.

Todos eles foram grandiosos; todos corresponderam às ambições da Pátria, dedicando o melhor da sua vida a este torrão que os seus antepassados haviam conquistado à custa de tantas vidas.

O Infante D. Henrique, porém, não se limitou ao território Patrio. Ele queria ir mais longe, queria dar realização ao entusiasmo que o dominava, queria ver o seu sonho desdobrar-se, folha a folha, como as vagas alterosas do mar misterioso.

Entusiasmado pelo que ouvia contar a seu irmão e outros viajantes que de longes terras lhe davam notícias, o Infante D. Henrique começou a ensinar os marinheiros na difícil tarefa de navegar.

Rodeando-se de homens heróicos e destemidos, e sabedores, em breve o nome do Infante começou a ser um símbolo de coragem para todos aqueles que iam pelos mares, dilatando o Império e levando a cruz de Cristo a tantas almas infieis.

Entusiasmados pelas glórias que nos advinham dessa empresa ariscada, muitos países seguiram o nosso exemplo e, dentro em pouco, o mar tenebroso, o mar dos gigantes que engoliam navios, o mar das lendas aterradoras, passou a ser um vasto campo, sulcado por muitos navios que iam em busca de aventuras e glórias.

O nosso império tornou-se maior e mais poderoso e o nome de Portugal começou a ser apontado como o do País que se ariscara à aventura, o País que primeiro sulcou os mares e levou a civilização ao mundo desconhecido.

Os descobrimentos deram a Portugal a riqueza sólida que tornou o nosso País acreditado e

(Continua na página 5)

SUPLEMENTO DA Escola Industrial e Comercial de Barcelos

N.º 2

O Navegador Fomos nós sempre os primeiros...

ASSIM lhe chamaram, por se ter dedicado inteiramente à arte de navegar, aos descobrimentos.

D. Henrique, O Navegador, foi sem dúvida dos filhos mais notáveis de D. João I, devido às altas qualidades de inteligência e bom coração.

Como herói se portou na conquista de Ceuta. Mas sua maior glória consiste em ter sido ele o iniciador e orientador dos nossos descobrimentos marítimos.

Recolhendo-se em Sagres, naquele ponto escarpado da costa, fundou uma escola de altos estudos, aonde mais tarde havia de dar início à maior epopeia da humanidade.

Ali, rodeado de mapas e de homens das mais diversas raças, estudou, planeou, e reflectiu sobre as empresas, que haviam de ser levadas a cabo.

Mas a sua vida foi curta, para tão vastas aspirações.

Quando em 1460 morreu, deixou parte da costa africana descoberta, e deixava legada aos Portugueses uma obra que havia de ser continuada ainda através de longos anos.

Graças a ele, a essa figura imortal, Portugal alastrou-se até aos confins da Ásia e da Oceânia, firmou o seu Império de Além-Mar, onde levou a palavra de Cristo, e espalhou a sua civilização.

Américo Machado Amorim

1.º Ano — 1.ª Turma Serralharia

Um Vasto Império

OS portugueses criaram nos séculos XV e XVI um vasto império que foi o conjunto de quatro outros Impérios.

O Império Norte-Africano, iniciado pela tomada de Ceuta em 1415, continuado pela de Alcácer-Ceguer e completada pelas conquistas de Arzila e Tânger, em 1471.

O Império do Oriente, aberto pela viagem de Vasco da Gama à Índia, continuado depois pela obra dos vice-reis D. Francisco de Almeida, Afonso de Albuquerque, etc.

O Império do Brasil onde Pedro Álvares Cabral chegou no ano

ESTAMOS no ano de 1425. Por graça de El-Rei Nosso Senhor D. João I sou capitão de uma caravela. Aprendi a arte na Escola Náutica de Sagres, sob a direcção suficiente e cuidadosa do Infante D. Henrique.

Descobrir novas terras, que tornassem este nosso Portugal ainda maior e grandioso — era a minha paixão.

Através desta narrativa procurarei descrever alguns trabalhos porque passei, juntamente com os meus homens, corajosos e destemidos, como outros não conheci. Que este exemplo sirva para as gerações vindouras, para que saibam honrar o nome da Pátria! O que são essas dificuldades

(Continua na página 5)

de 1500 e que 30 anos mais tarde o rei D. João III colonizou.

O quarto Império foi o Novo Império da África central e meridional, onde desde o século XV nos instalámos.

Mas a população de Portugal era muito pequena e não podíamos conservar tão extensos territórios.

E assim, os domínios de África do Norte abandonaram-se e perderam-se. No Oriente ainda hoje a nossa bandeira flutua em Goa, Damão e Diu, restos dum grande domínio. O Brasil, só de nós se apartou há 135 anos, para constituir uma poderosa nação, das maiores do Novo Mundo.

Quantos sacrifícios, quantas aventuras, quanta coragem foi precisa aos homens de antanho para levar Portugal a possuir terras nas 5 partes do mundo!

Não posso deixar passar despercebida a figura do Infante D. Henrique, o iniciador dos Descobrimentos, que tanto se sacrificou, longe dos seus, numa vida solitária em Sagres, para que os nossos marinheiros aprendessem a arte de navegar, e comesçassem a devassar os mares, dando mundos novos ao mundo, levando e deixando por toda a parte o traço da civilização.

José Pereira Piao

1.º Ano — 2.ª Turma Serralharia

Fomos nós sempre os primeiros...

(Continuação da página 4)

— desorientação na imensidão do mar, as noites tempestuosas e horríveis, a falta de água doce, as tentativas de revolta da tripulação — tudo isso só nós sabemos.

A eles e a mim, a grande fé que nos animava é que nos valeu. Mas não falemos em coisas tristes. Vamos ao caso da descoberta de uma nova terra. Só quem assistiu, poderá dizer o que foi acontecimento tão venturoso e contar a alegria de pôr, muito longe da Pátria, um padrão a assinalar a nossa passagem e a soberania de Portugal.

... Já navegámos há quarenta dias, contornando o que supúnhamos ser as costas de África, em busca de novas terras. De momento, fomos desviados da nossa rota por umas correntes desconhecidas da navegação. Nada se encontrava assinalado nas cartas que possuíamos.

Começou a espalhar-se o medo e o desânimo entre a tripulação. Todos se julgavam perdidos para sempre, e que nunca mais voltaríamos a ver os seus, que era o que mais lhes custava.

Para ainda criar maior confusão veio a noite, tempestuosa e escura, com o vento a uivar nos mastros e o clarão dos relâmpagos iluminando tudo, de uma maneira estranha. Uma noite assim recordá-la-ei sempre, até à minha morte. Há vinte anos que ando na vida do mar e nunca outra como esta vi.

A caravela era um brinquedo nas cristas das ondas. A tempestade rebentava tudo e abalava toda a mastreação. Assim passamos a noite, rezando com muito fervor, como só nós, homens do mar, somos capazes.

Começou a manhã, a tempestade foi acalmando, e por volta do meio dia, o mar estava sereno.

Estávamos a compor as velas rasgadas, quando o gajeiro exclamou:

— «Na direcção Norte encontram-se palmeiras». Imediatamente dei ordens ao piloto para nesse rumo dirigir a caravela, com o desejo de lá chegar rapidamente. Aí levantaríamos um padrão, pois deveríamos ser os primeiros a pisar aquela terra e a torná-la Portuguesa.

De facto, assim aconteceu. Fomos os primeiros.

Foi uma verdadeira explosão de cantares, risos e choros à mistura, neste inesquecível momento. Mais que tudo, estávamos vivos. E a terra era rica em frutos da região. Para mais, tinha uma nascente de água doce, o que era muito bom, porque na caravela era servida com pouca abundância. Lá celebrámos a primeira missa, com o máximo respeito e comungámos todos. Aí perma-

DUAS DATAS

1460-1960. Cinco séculos passaram sobre a morte do Infante D. Henrique. Portugal todo se ergue num preito de homenagem à sua memória. O Infante D. Henrique foi uma das maiores figuras da nossa História e da nossa Pátria.

Foi este grande homem que deu início à grande obra dos Descobrimentos Marítimos.

Sem ele, nunca os portugueses se teriam lançado numa empresa tão arriscada, com tanto êxito e tão grandes consequências.

No século XV, Portugal, que até então tinha sido um País pequeno e sem importância, tornou-se, quase de repente, num País grande e considerado.

Os Portugueses chegaram a todos os cantos do mundo, foram a todos os continentes e espalharam a sua cultura, a sua língua, a sua civilização e a sua religião, pelos quatro cantos da Terra.

E tudo isto devido à iniciativa, ao amor pátrio, ao esforço, à dedicação e à audácia do grande Infante D. Henrique.

Neste ano centenário, tomemo-lo como exemplo, para que a nossa querida Pátria atinja a grandeza universal de que é merecedora.

Ana Maria Châteauneuf Mouta do Faria
Aluna do 1.º Ano — 1.ª Turma do C. Preparatório

necemos quinze dias para descanso da tripulação e arranjo do barco.

Passados eles, regressámos à Pátria querida, onde fomos esperados pelo Infante D. Henrique e seu pai, o nosso rei D. João I. Escusado será dizer que todos nós fomos recebidos de uma maneira que nos comoveu e surpreendeu, pois já nos supunham mortos, após tantos dias de separação. A saudade já estava a tomar conta das nossas famílias e ainda mais de nós. Passadas todas estas cerimónias, fui chamado a Sagres, para fazer um relato da terra descoberta.

Era uma ilha. Ao glorioso Infante eu disse a situação, o relevo, a vegetação, os cursos de água e tudo aquilo que fosse capaz de lhe facilitar a imensa tarefa.

Esta minha descoberta era mais uma glória para todos nós, Portugueses. E eu tenho a esperança de que ainda hei-de assistir, a muitas outras.

Se Deus me der vida e saúde, verei Portugal cada vez maior.

Abel Gaspar de Sousa Pinto

Aluno da 4.ª Turma do 1.º Ano do Ciclo Preparatório.

O Carácter Internacional

das Comemorações Henriquinas

(Continuação da página 4)

poderoso, desenvolvendo-se o comércio e a marinha mercante, chegando a nossa corte a ser das mais importantes daquele tempo. O povo que até aí vivia neste pequeno cantinho, viu abrirem-se novos horizontes, viu a África, a Índia, as belas ilhas onde os frutos eram mais doces.

E cada português que partia para os nossos territórios era mais um arauto a apregoar o nome de Portugal.

As comemorações que agora se estão a realizar não são apenas o tributo do povo português agradecido. É o mundo inteiro que deve homenagear tão grande português, que não se limitou a contribuir apenas para o engrandecimento da Pátria, mas deu também uma parcela dessa glória a todo o mundo.

Maria Manuela Arantes Pinto

1.º Ano de Formação Feminina

D. Filipa de Lencastre, modelo de esposa e mãe

D. FILIPA DE LENCAS-
TRE, nobre figura de Senhora do século XIV descendente ilustre dos Lencastres, uma das melhores famílias inglesas, veio para Portugal após a aliança com a Inglaterra, para casar com El-Rei D. João I, o da «Boa Memória». Esse enlace ficou-se a dever ao tratado de aliança entre estes dois reinos, aliança esta que ainda se conserva, mantendo a amizade dos dois povos.

Naturalmente que D. Filipa na sua juventude teria recebido exemplar educação de seus pais, a avaliar pelos dotes de bom coração, de digna esposa e excelente mãe que, depois do seu matrimónio, ela demonstrou possuir em «elevado grau».

O seu casamento, efectuado na Cidade Invicta, foi para os portugueses uma grande festa, e para Portugal um grande bem.

D. Filipa, além das boas qualidades atrás mencionadas, foi uma Senhora muito inteligente e, sobretudo, grande educadora dos seus filhos, modelo e exemplo das esposas de todos os tempos. Os seus filhos ficaram a dever-lhes

A PARTIDA

MAGINO-ME, a assistir à partida duma armada para o descobrimento de novas terras. Suponho que um dos marinheiros é meu pai.

Estamos no ano de 1420. Corre o século XV, época de descobrimentos. No dia 15 de Julho é o dia da partida.

O mar é medonho, os perigos muitos, e o nosso pai vai para longe, para o desconhecido. Sabe-se lá se voltará...

O dia da separação cada vez mais se aproxima. Ei-lo que chega. Vamos com o nosso querido paizinho até ao sítio onde a armada está ancorada. Os navios vão largar.

Adeus, abraços, lenços a acenar, gritos, lágrimas. Lá vai o nosso pai. Mas não perdemos a esperança. Nos muitos perigos, lá terá Nossa Senhora e o Anjo da Guarda para olhar por ele. Hoje e sempre iremos à Igreja pedir por ele, para que chegue um dia.

Passou muito tempo. E tudo aconteceu como eu pensava. Não me enganei. O Anjo da Guarda guardou-o. O meu pai está de volta.

Hoje há festa em nossa casa. Chegou meu pai e mais uma terra está descoberta.

A Pátria, cada vez se vai tornando maior.

Maria da Glória Campos Pereira

N.º 16 da 1.ª Turma do 1.º ano
Ciclo Preparatório

as boas qualidades de guerreiros, heróis e santos, a ponto de serem conhecidos pelo nome de «Inclita geração».

D. Filipa de Lencastre, que em Portugal soube bem desempenhar a sua missão de esposa e mãe, e foi venerada com verdadeira devoção pelos Portugueses, dorme o sono eterno ao lado de seu marido e filhos, no Mosteiro da Batalha.

Todos nós, por um acto de gratidão, devíamos, ao menos uma vez na vida, visitar o seu túmulo, em romagem e preito de veneração às excelsas qualidades que em vida possuía tão nobre Senhora.

Noraldina de Lourdes da Cunha Gomes
do curso de Formação Feminina

FARPAS E FARPINHAS

De autores e críticos

A carta é um produto sociológico. Geral e natural portanto.

Variável na fenomenologia da lenda, evolutivo como elemento histórico, encontrámo-lo sempre, — quase imperceptível às vezes, distinto e robusto outras, como que anunciando anterioridades fecundas na génese das civilizações.

Ou anda misteriosamente oculto no caminho da tradição teogónica, ou alteado nos aparece na evolução social ou nos cataclismos políticos; quer se ampare à lei, quer se anime ao costume.

*

Chamar nomes a um indivíduo — por exemplo — *comunista*, *anarquista*, etc., é a ressonância da mentira a criar a desarmonia... porque só se chama nomes destes quando a ociosidade de uns se envolve com a maldade de outros.

Aquí, ali, além... alguns homens fazem lembrar aquelas aberrações da *lucina sine cubito* da velha medicina ou as de certa alquimia que lidava por criar o homem *ex contrario e ex abrupto*.

*

A mania das fotografias e das vénias e contra-vénias, elogios, imposturices & C.^a, Ld.^a

Aquí... ali... além...

Eu falo, tu falas, nós falamos... Feitas as contas e verificadas as provas, a asneira é verificável.

Nunca alguns se fotografaram tanto em tão pouco.

Um tipo desde que se julgue gato... ou bonito, não está com mais cerimónias: Zás — fotografia p'ra frente.

Não são só os cinéfilos que têm essas manias. Hoje é epidemia colectiva. Enfim, coisas ridículas.

A vida é feita de retalhos ridículos.

Todos nós temos o *nosso* ridículo.

Eu + tu = pontaria.

Recenseamento Escolar

AVISO

Os pais ou encarregados de educação de crianças nascidas ou residentes na área da cidade de Barcelos e do Bairro Dr. Oliveira Salazar e que completem sete anos até 31 de Dezembro de 1960, isto é, todas as crianças nascidas em 1953, devem apresentar na Delegação Escolar as Cédulas Pessoais de seus filhos com a possível brevidade e no seu próprio interesse.

Na falta das Cédulas Pessoais das crianças agradece-se a apresentação de elementos suficientes para a sua identificação e localização.

« TEBE »

Uma poderosíssima organização no fabrico de malhas de seda, nylon, algodão e lã, cujos artigos atingiram já uma fama mundial

A Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.^a é uma firma que, mercê do alto critério que preside aos seus destinos, se tornou mundialmente conhecida através da sua já bem conhecida marca «TEBE», padrão de garantia a confirmar a alta qualidade e acabamento dos seus produtos.

Fundada em 1948, a fábrica TEBE tornou-se uma unidade fabril que honra a região nortenha e, até, a Nação Portuguesa.

A confirmar a aceitação dos seus produtos é o facto, indementível, de receber encomendas de diversas partes do globo, como, por exemplo, da Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica, Índia, Madagascar, Congo Belga, etc.

As malhas de algodão, seda e nylon para homem, senhora e criança; as cintas elásticas em todos os sentidos, dos mais variados tipos, sem costura, laváveis; as passamanarias; tudo isto é um mostruário da vitalidade e progresso desta laboriosa indústria que, de ano para ano, conquista, sem favor, os melhores mercados nacionais e estrangeiros.

O seu corpo fabril ocupa uma área que ultrapassa os 10.000 metros quadrados e nele trabalham cerca de 1.000 operários, de ambos os sexos, tendo à frente o dinamismo de Mário Campos Henriques, coadjuvado pelo sócio Henrique Calheiros da Silva, também gerente da TEBE.

A TEBE, criação notável de Mário Campos Henriques, industrial de larga visão, decidido, experiente, generoso e de grande distinção de trato e maneiras, espírito desempoeirado e coração bondoso, contribui de forma notável para o engrandecimento económico da Nação e constitui um exemplo eloquente do espírito de iniciativa do industrial moderno.

O problema social não foi esquecido e, assim, a TEBE possui um modelar lactário com assistência médica e um corpo de empregadas permanentes que cuidam dos filhos das operárias com o maior cuidado, num requinte de higiene, preparando-lhe as refeições segundo as idades e os horários.

O problema cultural manifesta-se e radica-se na publicação periódica do seu «Boletim Social», que é um repositório de grande interesse quer pela variedade dos seus artigos, quer pela qualidade dos temas apresentados.

Por tudo isto e pela qualidade dos seus produtos, a TEBE é, sem receio de dúvida, uma grande força ao serviço da economia da Nação.

COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS

REI de Portugal e dos Algarves, de aquém e de além Mar, em África, Senhor da Guiné e da Conquista, do Comércio e da Navegação da Etiópia, da Arábia, da Pérsia e Índia...

...Assim era o título dos reis de Portugal no séc. XVI, o mais admirável Século da nossa História, século de esplendor artístico, científico, literário; século de heroísmos inacreditáveis, século de sacrifícios e abnegação, século de estonteamento e euforia.

Os anos haviam rolado desde que, cá no extremo da Europa, num país pequenino e desconhecido habitava um povo de homens destemidos que, a passos de gigante, conquistara a terra em que vivia feliz... Escutando cantares de amigo e trovas de amor, revolvera, com o arado, os campos incultos e neles surgiram vinhas, searas e pinhais... Mas as brisas do mar agitando a ramaria verde claro dos pinheiros pequeninos segredava-lhes mistérios e promessas que ecoavam por vales e alongavam-se pelas serranias... Portugal era um menino que crescia embalado pelo marulhar das águas que, num abraço amigo, o acariciavam. Desfaziam-se as ondas em espumas brancas e macias a seus pés, rendidas pela beleza dum litoral acolhedor, encantadas pelo despertar dum povo altivo, indomável, sonhador, aventureiro e cheio de fé!...

A vida dos povos é como a vida dos homens. Nelas há momentos de silêncio e meditação, nelas há horas de luta, de sonhos, de rasgos de heroísmos, de sacrifícios e de martírios; nelas há páginas cheias de sol, de encanto e cânticos de vitória, e nelas há

(Continua na página 8)

Nota da Redacção

Por várias razões, só hoje podemos reeditar o *Boletim Social da Tebe* que, de futuro — embora contra a vontade de alguns — será publicado normalmente.

Pedimos imensa desculpa deste interregno, mas podemos afirmar que o Boletim há-de continuar porque nasceu por uma grande causa: a da verdade.

Nunca serviu a mentira para se servir, nem nunca adorou bezerros de ouro.

O «Boletim da Tebe» foi criado para bem do povo simples e bom, que sempre o tem estimado e querido.

Os intelectuais verdadeiros sabem acarinhá-lo, os outros — que todos conhecemos — pretendem ofuscá-lo; mas para o fazerem, só com a intriga e a mentira o conseguirão...

Secção Literária

«A Existência Literária»

de ANTÓNIO QUADROS

O livro «A Existência Literária», de António Quadros, tem uma função altamente intelectual e estrutura « todos aqueles planos de vida que são inerentes à experiência humana, desde a realidade antropológica propriamente dita até às suas formas de relação com os elementos cosmológicos ou transcendentais ».

O A. analisa « para a construção duma teoria dos géneros literários, tomando como ponto de partida a análise das diversas atitudes assumíveis perante o tempo e a personagem, à luz da teoria aristotélica da potência e do acto », é a sua função.

António Quadros apresenta-nos o panorama literário de alguns dos mais significativos valores da literatura moderna (chamemo-lhe assim) e prova-nos ou demonstra-nos que é possível construir-se ou qualificar-se uma literatura típica e genuinamente portuguesa.

António Quadros « permanece fiel à sua temática antropológico-existencial » e dá-nos — num aspecto transcendental, o significado mais estético e mais nacional mostrando-nos, em frases concretizadas, o « argumento a favor da sua tese da inexistência duma autêntica filosofia nacional, cujo sucedâneo seria, no entanto, uma filosofia « nacionalizada » ».

As malhas TEBE continuam na vanguarda do bom gosto.

Cantares e Bailados do Minho

(Continuação da página 10)

Aqui neste canto, canto
Ai, aqui neste recantinho

Ó Ana Tirana, etc.....

Aqui bate a pomba a asa
Ai, aqui faz a rola o ninho

Ó Ana Tirana, etc.....

Rusga

Siga a rusga, siga a rusga
Siga a nossa reinação
O meu pai era da rusga
Os filhos da rusga são

Acima Ganfei, acima
Acima Ganfei, ao alto
Tenho palavra de rei
Ao que prometo não falto

Esta rua tem pedrinhas
Esta rua pedras tem
Das pedras não quero nada
Da rua quero alguém

Nós somos de Ganfei, somos
A terra não a negamos
Somos rapazinhos novos
Todos temos 20 anos

Viva o lugar do Santo
É pequeno, mas tem graça
Tem a fonte do Torninho
Dá de beber a quem passa

Esta noite, à meia noite
Nem meia noite seria
Ouvi cantar o meu bem
Já julgava que era dia

Siga a rusga, siga a rusga
Siga a rusga, trema a terra
Raparigas de Ganfei
São mulheres pra toda a guerra

Chula

Ó chula, ò rica chula
Gostas de andar asseada
Bom sapato, boa meia
Boa fivela dourada

Alargai-vos, alargai-vos
Que o terreiro é estreito
Ainda que eu queira não posso
Dar as voltas ao meu geito

Anda lá para diante
Que eu atrás de ti não vou
Não me pede o coração
Amar a quem me deixou

A chula bem cantadinha
Dansadinha ao desdém
Faz arrebentar os homens
Por quantas ilhargas tem

Os rapazes de Ganfei
Onde chegam, fazem ver
Tem um coração bondoso
Para amar uma mulher

Malhão

Ó malhão, triste malhão
Ó malhão, triste meu bem
Ó malhão, ò malhãozinho
Triste malhão de Ganfem

Repete
Repete

Ó malhão, triste malhão
Ó malhão, triste coitado
Por causa de ti, malhão
Ando eu roto esfarrapado

Repete
Repete

Ó malhão, gosto de ti
Eu gosto de ti, malhão
Contigo à minha beira
Traço alegre o coração

Repete
Repete

Ó malhão da minha vida
Ó malhão, triste meu bem
Ó malhão, triste malhão
Triste malhão de Ganfem

Repete
Repete

Vira

Ai rapazes, vamos ao vira
Ai vira e torna-te a virar
Ai o vira tem sete voltas
Ai outras sete eu hei-de dar

Ó vira que vira, torna-te a virar
As voltas do vira, são boas de dar
Ai vira que vira, vira de Ganfei
Se tu não o sabes, eu te ensinarei

Ai rapazes vamos ao vira
Ai que o vira é coisa boa
Ai eu já vi dansar o vira
Ai na cidade de Lisboa

Ó vira que vira, etc.....

Ai rapazes vamos ao vira
Ai que o vira é coisa linda
Ai eu já vi dançar o vira
Ai na cidade de Coimbra

Ó vira que vira, etc.....

Ai rapazes vamos ao vira
Ai que o vira é bom prá guerra
Ai que eu já vi dansar o vira
Ai às meninas desta terra

Ó vira que vira, etc.....

Ai rapazes vamos ao vira
Ai que o vira é o meu bem
Ai eu já vi dansar o vira
Ai aos rapazes de Ganfei

Ó vira que vira, etc.....

Regadinho

Água leva o regadinho
Por um cano de pinheiro
Vai regar uma roseira, mas ai
Á quinta dum brasileiro

Senhora Maria, senhor Manuel
Castanhas assadas e vinho com mel

Água leva o regadinho
Água leva o bem regar
Enquanto rega e não rega, mas ai
Ao meu amor vou falar

Senhora Maria, mulher dum galego
Á sua janela, tem um gato negro

Água leva o regadinho
Pela minha porta abaixo
Eu escorreguei e caí, mas ai
Quebrei o fundo ao tacho

Senhora Maria, mulher dum lacaio
Á sua janela, tem um papagaio

Água leva o regadinho
Água leva o regador
Enquanto rega e não rega, mas ai
Vou falar ao meu amor

Senhora Maria, o seu gato deu
Uma bofetada na cara ao meu

(Continua na página 8)

Cantares e Bailados do Minho

(Continuação da página 7)

Água leva o regadinho
Vai regar a quinta ao norte
Estes rapazes d'agora
Pedem a Deus boa sorte

Senhora Maria, mulher dum barbudo
À sua janela, tem um cão peludo

Senhor da Serra

Hei-de ir ao Senhor da Serra
Inda que me leve um mês
Ó li, ó li, ó le, inda que me leve um mês

Eu quero ver o milagre
Que o Senhor da Serra fez
Ó li, ó li, ó lé, que o Senhor da Serra fez

Meu rico Senhor da Serra
Eu hei-de reclamar
Ó li, ó li, ó lé, eu hei-de reclamar

Eu hei-de dar e bater
Eu hei-de bater e dar
Ó li, ó li, ó lé, eu hei-de bater e dar

Meu rico Senhor da Serra
Quem vem comigo, quem vem
Ó li, ó li, ó lé, quem vem comigo, quem vem

Pelos jeitos que eu vou vendo
Comigo não vem ninguém
Ó li, ó li, ó lé, comigo não vem ninguém

Meu rico Senhor da Serra
Eu p'ró ano lá hei-de ir
Ó li, ó li, ó lé, eu p'ró ano lá hei-de ir

Ou casado ou solteiro
Ou criado de servir
Ó li, ó li, ó lé, ou criado de servir

O Senhor da Serra tem
Um filho que é serrador
Ó li, ó li, ó lé, um filho que é serrador

Serra madeirinha nova
Para o altar do Senhor
Ó li, ó li, ó lé, para o altar do Senhor

Caninha Verde

A cana verde do mar
Pega depois de colhida
Também os amores pegam
No peito pra toda a vida

Ó minha caninha verde
Cana verde de encantar
Rapazes e raparigas
Adiante troca o par

A cana verde do mar
Anda à roda do navio
Inda está para nascer
Quem há-de lograr teu brio

Ó minha caninha verde
Cana verde verdoega
Numa noite de luar
Um beijinho não se nega

Ó minha caninha verde
Cana verde desencaixo
Rapazes dançai a modo
Que o terreiro vai abaixo

Ó minha caninha verde
Eu queria-te falar
A vergonha me retira
O amor me faz chegar

Ó minha caninha verde
Ó minha verde caninha
Não faças a tua cama
Anda-te deitar na minha

Este par anda trocado
Este par não era o meu
Que o acho demodado
Larilólé no chapéu

A cana verde no mar
Arrebenta ao nascer
Assim rebentou os olhos
A quem não me pode ver

A cana verde no mar
Também tem a sua dor
Eu também tenho a minha
Seja ele por quem for

Ó minha caninha verde
Cana verde de Ganfei
Ó cana real das canas
Ó cana real meu bem.

RoFi

COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS

(Continuação da página 6)

sombras e espaços em branco, dias esquecidos e monótonos. Mas os momentos belos não surgem sem sacrifícios, sem um domínio severo da nossa vontade, sem uma preparação séria para a realização do Ideal que nos avassala a alma e nos norteia a vida.

Assim é também a história dos povos mas, nestes, o Ideal que os guia é muitas vezes realização e inspiração dum homem que sobressai dentre a multidão dos contemporâneos e consegue arrastar toda uma pátria para o caminho da glória.

Assim foi em Portugal no alvorecer do séc. XV. Por isso neste ano de 1960, a Terra Portuguesa ajoelha e curva-se numa homenagem sincera ao Infante de Sagres, o visionário do Império... o Sonhador de terras e gentes desconhecidas, o Príncipe bem fadado para quebrar o encanto do Mar Tenebroso...

A Pátria estremece de orgulho e, num alvoroço de entusiasmo e de júbilo, recorda e consagra o Infante D. Henrique enquanto os povos de todo o mundo repetem as palavras dos Lusíadas: "Ditosa Pátria que tal filho teve".

Porquê as comemorações Henriquinas? Quem foi o Homem, que passados cinco séculos é glorificado em monumentos artísticos, é exaltado em obras literárias, é consagrado num Te-Deum da Pátria?

Filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre nasceu o Infante D. Henrique num período de ardor patriótico, pois Portugal numa arrancada heróica conseguira vencer e afastar as ambições do monarca espanhol. Em torno do Mestre de Aviz se uniram, num mesmo gesto de amor à liberdade e independência, a gente humilde, os ricos burgueses e muitos dos mais nobres fidalgos da terra lusitana. Alcançada a paz não esmorecera nos Altos Infantes a nobre ambição de lutar pela grandeza e glória do Reino.

Foram meninos e fizeram-se homens no terno convívio de seus pais, altos exemplos de virtudes morais e cívicas. Apegados ainda à tradicional educação dos cavaleiros medievais, eles não ficaram apenas com os rudimentos duma instrução intelectual, como era costume de época, foram mais além. A par da formação espiritual, da educação da vontade, do aperfeiçoamento da sensibilidade e da desenvoltura física, gentileza e elegância de maneiras, tiveram estes príncipes uma sólida estrutura moral amparada e ampliada por uma profunda cultura intelectual.

Já não são espíritos da Idade-Média acanhados pelo pragma-

tismo duma instrução retórica, são antes almas libertas que buscam com ânsia os conhecimentos científicos necessários para lhes dar uma visão nítida das realidades que os cercam.

Debruçados, ora sobre as grandes obras dos pensadores gregos e romanos, ora num profundo exame introspectivo, estes jovens de talento buscam com ânsia enriquecer o seu espírito e nele desenvolver todas as suas mais nobres e belas aptidões. Era o despontar da Renascença em Portugal...

Sem dúvida a carinhosa presença materna da ilustre, austera, culta e inteligente D. Filipa de Lencastre, muito influente nas vindas personalidades dos Infantes de Aviz. Nada como o exemplo da Mãe para encher de ambições elevadas o coração, que ela vai modelando, de seus filhos. Mas, não menos nobres, foram, os exemplos do bom rei D. João I, o de Boa memória, na lembrança saudosa do povo de Portugal.

Quase nos impressiona a união desta família exemplar, numa época em que os afectos cediam lugar às ambições e os lugares de supremacia se conquistavam à ponta da espada, esquecendo amizades, amarfanhando sentimentos e laços familiares, subjugando às vaidades e desejos de honrarias e riquezas, os deveres de filhos ou irmãos. A família de Aviz é um modelo e quase uma excepção nessa Europa da Alta Idade-Média, em que os abusos dos poderosos eram o exemplo corruptor das massas populares. Não podiam ser homens vulgares ou banais os herdeiros de tão belas qualidades e tão grandes virtudes.

...A Pátria vai seguir um rumo novo sob o comando destes jovens e a par do seu exemplo. Para um deles porém estava destinada a página mais gloriosa do povo altivo, aventureiro, sonhador e cheio de fé que se irá erguer acima das mais altas ondas do Oceano que o banhavam como uma carícia.

Era o Infante D. Henrique. Mestre da Ordem Militar de Cristo, duque de Viseu, Senhor de riquezas e prestígio, a ele eram devidas honras, luxos e prazeres nos salões confortáveis do Paço. De tudo se despede, tudo sacrifica e, num viver austero e solitário de eremita, se afasta para o promontório de Sagres, preso a um anseio, avassalado por um sonho, subjugado por uma Ideia.

Hoje se os portugueses se podem debruçar orgulhosos e maravilhados ante as páginas imortais da nossa História no séc. XV e no séc. XVI é porque Portugal foi a Pátria deste "Alto

Aspectos Sociais da Prevenção dos Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais

(Continuação dos números 77-78)

Considerando ainda que, sem aumento de encargos para os contribuintes — até porque não existindo no seguro social qualquer intenção lucrativa, nem encargos de comissões — seria possível um total aproveitamento dos recursos em benefício dos segurados, concluímos ter um somatório de boas razões em favor da tese de que para a cobertura dos riscos emergentes do trabalho poderíamos considerar a Previdência Social, senão com carácter obrigatório, ao menos permitindo às entidades patronais responsáveis a possibilidade de opção entre o regime do Seguro-Mercantil e do Seguro-Social.

Haveria, quando muito, uma razão de oportunidade a recomendar prudência quanto ao momento dessa possibili-

dade. A braços com a trabalhosa execução duma profunda reforma não estará, por estes tempos mais próximos, a Previdência Social nas melhores condições para considerar e resolver o volume dos problemas emergentes da sugerida solução, que a tentar-se, o poderia ser por fases (primeiro as doenças profissionais, mais fáceis de enquadrar, seguidas logo que possível pelos acidentes de trabalho).

Confiamos que num futuro, não muito distante, seja possível, mercê do dinamismo e desassombro do actual Ministro das Corporações e Previdência Social e com o apoio dos técnicos da Secretaria de Estado que chefia levar por diante mais este empreendimento, a bem dos trabalhadores e a bem da Nação.

Infante". Na Ponta de Sagres ele ergue um facho de luz que iluminou os caminhos obscuros e desconhecidos, para a África, para a Índia e terras do Oriente, para a América ignorada e oculta pela vastidão dos oceanos que a encobriam.

O Infante D. Henrique não é uma figura vulgar, nem apenas um homem de génio que sobressaía entre os contemporâneos; ele ascendeu pelo seu saber, pela constância, pelo sacrifício de uma vida inteira votada a um ideal, pela firmeza de carácter, pelo afinco ao estudo, pelo estoicismo com que suportou revezes e alegrias, ele subiu ao mais alto pedestal que a Pátria pode erguer aos heróis: a Imortalidade...

Ele foi mais que o timoneiro de Portugal para caminhos de glória e de esplendor, ele foi também a Inteligência aberta aos problemas dum mundo novo, dum mundo que ia surgir em breve, ávido de progressos, asentando os novos conhecimentos em investigações experimentais e não apenas em especulações metafísicas.

D. Henrique não cria já nos mitos e lendas em que se embrenhavam indecisas e temerosas as almas apegadas a velhas fantasias erguidas pela ignorância dos povos bárbaros. E, porque não cria em mitos e lendas se fincou, altivo, no rochedo de Sagres, entre os sábios mais eminentes, astrónomos, cartógrafos, geógrafos e matemáticos, firme no seu propósito de mostrar ao mundo que, em breve, o espírito científico iria vencer crenças infantis e mistérios vagos, architectados e construídos pela igno-

rância dessas raças primitivas que, em ondas sucessivas, cobriram a Europa, durante séculos.

O promontório de Sagres podia ser um lugar de peregrinação dos portugueses, que, numa homenagem sentida e recolhida, se ajoelhassem naquele ermo silencioso e, por momentos, evocassem a figura austera do nobre Infante, arrastando para o mar toda uma Pátria de nautas, de guerreiros, de monges, de investigadores, de colonos ignorados, que, em novas terras, prolongaram Portugal e, ao velho Mundo, abriram de par em par, as portas dum vasto campo de estudo, lhe deram novos temas, para as artes e letras, e novos céus para neles ler, em estrelas de fulgor estranho, o nome de Deus e da Pátria Portuguesa.

Em 1960 o País inteiro vai erguer-se num cântico uníssono de louvor ao Infante de Sagres e será então necessário que as crianças de Portugal, por momentos, parem nos seus folguedos e, com orgulho e admiração, se curvem ante a memória do "Alto Infante" e o possam lembrar, erguldo altivamente no promontório agreste e desabrigado do Cabo de S. Vicente, escutando ora o murmúrio sereno do mar, ora o espumar revoltado das vagas...

Parece que o rochedo de Sagres, se erguia deixando o Infante contemplar os sulcos das Caravelas, sempre em rotas mais longas a caminho do sul, obedecendo à voz de D. Henrique que a cada nova expedição recomendava: Ide mais além! Mais além!

M. L.

EMIGRAÇÃO HOLANDESA PARA A AMÉRICA DO SUL

(Continuação da página 3)

zer, evidentemente, sabê-las compreender. E isso se consegue conversando e trocando ideias com seus semelhantes. Para isso, é necessário que o emigrante conheça um pouco o idioma de sua nova pátria. Em geral, o holandês tem mais dificuldade em aprender o português, o espanhol e o francês do que, por exemplo, o inglês. Ficou demonstrado que, em seis meses, o holandês médio aprende a falar o inglês de maneira suficiente para se fazer entender sem dificuldade. Para o português, o espanhol e o francês precisa, em média, de um ano.

O governo holandês se esforça para mostrar aos futuros emigrantes a necessidade de aprender um pouco do idioma falado no país onde se pretendem fixar. Para esse fim, são organizados cursos nos quais podem se matricular todos aqueles que pretendem emigrar. A prática tem

demonstrado que os emigrantes que seguiram esses cursos têm muito mais facilidade de se adaptar ao novo ambiente. Trata-se, muitas vezes, mais de uma questão de se atrever a falar o idioma estrangeiro do que propriamente de poder falá-lo. Uma das coisas que ficou provada pela experiência é que o emigrante encontra maior apoio e estímulo em todas as partes se tem coragem de falar o novo idioma, ainda que de maneira deficiente. Nessas condições, é apenas questão de meses se expressar o novo idioma.

Como se vê, os emigrantes holandeses lançam-se ao mundo bem preparados e armados com competência profissional, energia e boa vontade. Têm, assim, praticamente garantido o êxito na nova pátria, onde vão à procura de espaço vital para eles próprios e seus filhos, na esperança de construir um futuro risonho.

As Senhoras de bom gosto

Usam só Malhas TEBE

Nuno Álvares Pereira

(Continuação da página 2)

Mas as qualidades de comando e de estratégia militar, despertaram súbitamente em Nuno Álvares ante a enormidade do perigo. O seu amor pela Pátria fez prodígios, a sua fé em Deus, os milagres de Atoleiros, Aljubarrota, Trancoso e Valverde.

Portugal retomava o seu caminho e graças a Nuno Álvares não ficaria por realizar a grande e alevantada missão para que Deus predestinou a gente lusa — descobrir mares, terras e céus desconhecidos.

O velhinho humilde e esmolero que vestido de burel grosseiro orava no silêncio dos claustros do Carmo, pode, feliz e agradecido ao Senhor, contemplar a airosa e maravilhosa empresa dos Descobridores Marítimos.

Foram ouvi-lo os Altos Infantes antes da conquista de Ceuta, primeiro passo da nossa expansão ultramarina, e

certamente o próprio D. João I nunca deixou de escutar os seus conselhos.

Findou os seus dias santamente, na cela desconfortável do convento do Carmo, resignado e humilde, o homem que podia gozar riquezas e honrarias entre príncipes e nobres e receber orgulhosamente as homenagens dum povo inteiro agradecido, que ao vê-lo passar o bendizia entoando hinos de louvor ao seu heroísmo e pedindo-lhe a sua bênção de Santo.

Ainda hoje ao celebrar o sexto centenário do seu nascimento se ouvem os mesmos hinos de louvor e se invocam para a Pátria Portuguesa as suas bênçãos de Santo, apontando-o à juventude como o mais belo e alto valor de patriotismo e virtudes cívicas a par do alto e belo ideal cristão de Caridade, Humildade e Fé.

Cantares e Bailados do Minho

Grupo Folclórico de Ganfei

(Continuação dos números 77-78)

S. Benedito

Ai à minha porta faz lama
Ai à tua faz um lameiro
Ai quando falares de mim
Ai olha para ti primeiro

São Benedito de Monte Redondo
Quero ver a minha Mãe, se não morro **Coro**
Quero levá-luma bota de vinho
É uma bola de pão de Porrinho

Ai debaixo da carretera
Ai está uma pedra redonda
Ai onde se assenta o Pepe
Ai quando vai fazer o ronda

São Benedito de Monte Redondo, etc....

Ai onde há lameirinho há lama
Ai onde há luminho fumeça
Ai onde há força de amizade
Ai o coração não o nega

São Benedito de Monte Redondo, etc....

Ai freguesia de Ganfei
Ai olha a cidade de Tuy
Ai olha as muchachas guapas
Ai ao tempo que lá não fui.

São Benedito de Monte Redondo, etc....

Ronda

Freguesia de Ganfei
No meio tens um cruzeiro
E tens lá São Teotónio
Que abençoa o mundo inteiro

Esta noite à meia noite
Nem meia noite seria
Ouvi cantar o meu bem
Já julgava que era dia

Viva o lugar do Santo
É pequeno mas tem graça
Tem a fonte no caminho
Dá de beber a quem passa

Ó meu rico amorsinho
Vem-me à janela falar
Agora é lua cheia
Toda a noite vai luar

Quem for ao nosso mosteiro
Quem lá for que veja bem
Encontrará em repouso
Os ossos de São Ganfem

A Espadelada (Ou Gramada)

Raparigas de Ganfei
Vamos todas à Gramada
Que o pano feito sem linho
Nunca presta para nada

Olha prá folha da vinha
Como ela balanceia
Sou leal ao meu amor
Ele tanto me falseia

Laranjeira de pé de ouro
Deita raminhos de prata
Tomar amores não custa
O deixá-los é que mata

Quem me dera quem me dera
O tempo que há-de vir
O tempo das esfolhadas
Para me eu divertir

De Deus venha a vossa vinda
Melhor a vossa chegada
A vossa vinda rapazes
Era bem bem desejada

O cortiço é muito leve
A espadela é de madeira
A moça que aceita o linho
Há-de casar que é solteira

Cor Morena

A cor morena
É cor do ouro
A cor morena
É o meu tesouro

A cor morena
É cor de prata
A cor morena
É que me a mim mata

A cor morena
É cor de areia
A cor morena
É que me falseia

A cor morena
Cor da pimenta
A cor morena
É que me atormenta

A cor morena
É cor do lírio
A cor morena
É o meu martírio

A cor morena
É cor da amora
A cor morena
É que me namora

Ana Tirana

É Ganfei a minha terra
Ai, terra do meu nascimento

Ó Ana Tirana, Ó Ana meu bem
Terra do meu pensamento

É neste torrão sagrado
Ai, que eu tenho meu pensamento

Ó Ana Tirana, Ó Ana meu bem
Que eu tenho meu pensamento

Ó meu amor de tão longe
Ai, chega-te cá para o perto

Ó Ana Tirana, etc.....

Que me morre o coração
Ai, de te ver nesse deserto

Ó Ana Tirana, etc.....

Ó coração, ó pombinha
Ai, ò flor da primavera

Ó Ana Tirana, etc.....

Eu muito queria saber
Ai, o teu sentido qual era

Ó Ana Tirana, etc.....

Atira mano, atira
Ai, à pomba que anda na eira

Ó Ana Tirana, etc.....

Ai ladtão que a mataste
Ai, era a minha companheira

Ó Ana Tirana, etc.....

(Continua na página 7)